

Secretário confirma fim da invasão da 110 Norte

lvado Cavalcante

O secretário de Viação e Obras e presidente da Terracap, Carlos Magalhães, não só confirmou ontem que o Governo do Distrito Federal está disposto a acabar de uma vez com a invasão da 110-111 Norte, como mandou um recado curto e grosso aos invasores:

— Ninguém deverá levantar mais barracos naquele local ou mesmo pagar aluguel.

Apesar de confirmar que o fim da invasão está próximo, Carlos Magalhães disse que ainda não ficou definido quando as famílias serão removidas e os barracos demolidos. Ressaltou, porém, que a operação será feita sem violência e contará com a participação de funcionários da Terracap e da Secretaria de Serviços Públicos, com a garantia da Secretaria de Segurança. Essa operação seria realizada no sábado passado, mas a Secretaria de Segurança ponderou — mesmo depois de montado todo o aparato policial — que havia um clima desfavorável ao governo por causa das greves.

Volta às origens

O secretário disse ainda que o governo não fez nenhum estudo e não sabe para onde os moradores serão remanejados. Alegou, simplesmente, que "se eles vieram de algum lugar, vão ter que voltar para lá. Quanto ao argumento de que os aluguéis estão altos, eu não posso dizer nada, a não ser que voltem e não paguem os aluguéis".

Invasor pede a casa prometida

«Não iremos sair daqui». Essa era a frase mais ouvida, ontem, na invasão da 110 Norte a respeito da provável demolição da favela por parte do GDF. A operação desmontada na última hora do sábado passado, envolvendo a Terracap e policiais da 2ª DP, era criticada por vários grupos que se formavam para discutir o assunto.

Os mais revoltados, porém, concordavam num ponto: se a polícia entrar na invasão eles não terão a mínima chance. Mesmo assim, afirmavam, que não pretendem brigar com ninguém e que só estavam ali por absoluta necessidade, já que não podem pagar os altos preços dos aluguéis mesmo nas cidades-satélites.

«Aqui não tem ladrão, não. Nós somos pobres mas somos trabalhadores e não temos culpa se estamos desempregados; ou alguém acha que morar aqui, também não é um sofrimento para a gente?», perguntava, Josélia Ferreira, que chegou à invasão há oito meses, vinda de Sobradinho.

Mostrando o fogão — feito com três tijolos e pedaços de paus —, ela disse que estava inscrita na Shis desde 75, só que até agora não havia sido chamada. «Não quero casa de graça não, quero pagar sim; só não posso é ser roubada pagando um aluguel caro e tendo ainda três filhos para sustentar», argumentou.

Outra preocupação dos invasores era quanto à sua transferência para outro local. Muitos queriam saber para onde iriam ou se ganhariam o lote «prometido» pelo GDF, quando cadastrou os barracos. «Quando os funcionários da Shis vieram aqui com o governador, eles prometeram que iriam levar a gente para umas casas de alvenaria. Não é possível que tudo isso tenha sido mentira», disse José Rufino da Costa.

Segundo os moradores, até a caixa da Caesb que proporcionava uma fonte d'água para eles foi fechada. Depois de muito esforço, conseguiram quebrar a barra de ferro e voltaram a ter água. «Não sei porque fazem tanta maldade com a gente. Onde está essa tal carta da Constituinte?», perguntou Rufino.